

NOVIDADE
CIENTÍFICA

O PALMAR DE COATEPE

*José Newton Cardoso Marchiori
Luiz Ernesto Grillo Elesbão
Adelino Alvarez Filho*

*As áreas suscetíveis à arenização do Sudoeste do Rio Grande do Sul aparecem revestidas por uma savana-estépica composta por flora diversificada e com fisionomias distintas, apesar da aparente simplicidade estrutural. Uma das espécies mais conspícuas nesta paisagem é o butiá-anão (*Butia paraguayensis*), tanto por sua importância fitossociológica como pela peculiaridade de possuir "todos os atributos da palmeira, menos o estipe". Tais palavras, utilizadas por Avé-Lallemant em sua passagem por Itapevi, no ano de 1858, constituem o mais antigo registro sobre a espécie no Estado. Há, no entanto, controvérsia a respeito da ocorrência natural de *Butia yatay* em território rio-grandense, apesar das referências na literatura. A existência de um extenso palmar da espécie, no interior de Quaraí, nos solos areno-pedregosos da zona de Coatepe, parece encerrar a polêmica sobre esta importante lacuna da Botânica regional.*

O primeiro registro sobre o Butiá-jataí deve-se ao célebre viajante-naturalista francês Alcide D'Orbigny. São palavras de encantamento e admiração com a beleza de um palmar na Província de Corrientes (Argentina), em meados do século passado:

Una lejana masa azulada de aspecto nuevo para mí, se desplegaba ante nosotros, presentándonos inmensos bosques de palmeras Yatay. A medida que nos aproximábamos, distinguíamos primero las plantas separadas, luego las pequeñas copas que cubrían un tronco delgado; por fin llegamos a las primeras... Estaba encantado con este nuevo género de vegetación. Por todas partes habia palmeras cuyas copas redondeadas, de un verde azulino, se componen de largas hojas más o menos curvadas en forma de surtidor, donde las viejas inserciones de las hojas caídas dibujaban relieves naturales de líneas tortuosas. A medida que avanzábamos el bosque se espesaba y ningún otro árbol aparecía mezclado con las palmeras, que siempre observaba con el mismo gusto. El aspecto de un objeto bello al que no está acostumbrada nuestra vista, nos produce una sensación difícil de expresar, pero que no deja de ser real: pronto se le agrega la admiración y un respeto más profundo por la naturaleza toda se hace sentir involuntariamente.¹

¹ FRIZE, F., CANEVARI, M., CANEVARI, P., COSTA, G., RUMBOLL, M. *Los Parques Nacionales de la Argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 1993. p. 90.

Outra referência historicamente valiosa é fornecida por Aimé Bonpland. Em *Journal Voyage de Sn. Borja a la Tierra y a Porto Alegre*, o ilustre amigo de Humboldt anotou, no dia 7 de julho de 1850, a ocorrência de um extenso palmar em território argentino, às margens do rio Uruguai e nas proximidades da atual cidade de Paysandu:

... la rive opposée est couverte de bois de palmiers qui se prolongent très loin et qui offrent un aspect majestueux et pittoresque. Le palmier qui forme ces bois est connu sous le nom vulgaire de Yatay. Le tronc de cette palme majestueuse est terminé par un bouquet de feuilles, il est garni d'aspérités formées par le vestige des feuilles, offre peu de consistance, se pourrit facilement et ne peut être employé qu'à faire un feu de peu de durée. Ses feuilles sont très peu recherchées pour couvrir les maisons. Les grappes de fruits qui sont nombreuses offrent un fruit aigre légèrement sucré qui est très recherché des habitants. Les gens pauvres vivent presque de ces fruits pendant le temps de leur maturité.²

² BONPLAND, A. *Journal Voyage de Sn. Borja a La Tierra y a Porto Alegre*. Porto Alegre: Instituto de Biotecnología/Centro Nacional de La Recherche Scientifique, 1978. p. 87-88.

As duas citações apresentadas referem-se à mesma espécie botânica, descrita originalmente por Martius em *Palmetum Orbignianum*, datado de 1847, com o nome de *Cocos yatay*. Sobre a origem do nome específico, Barbosa Rodrigues esclarece: “*C'est un nom guarany qui signifie fruit dur petit, de yuá, fruit, aiá, dur et y, petit...*”.³

³ BARBOSA RODRIGUES, J. *Sertum Palmarum Brasiliensium*. 1ª Parte. Bruxelles: Imprimerie Typographique Veuve Monnon, 1903. p. 90-91.

A espécie, mais conhecida pelo nome de *Butia yatay* (Mart.) Becc., proposto em 1916 por Beccari, foi incluída por Glassman, em monografia recente, no gênero *Syagrus*, dando origem ao binômio *Syagrus yatay* (Mart.) Glassman, ainda pouco utilizado.

A distribuição geográfica do butiá-jataí indica sua preferência pelos campos arenosos. A *Flora Brasiliensis* refere a ocorrência de extensos palmares da espécie no Brasil extratropical e Argentina (Corrientes e Entre Rios).⁴ Apesar desta antiga citação geográfica, repetida em inúmeras monografias, a presença de *Butia yatay* em solo brasileiro é assunto ainda hoje controverso.

⁴ DRUDE, O. Cyclanthaceae et Palmae. In: MARTIUS, C. F. P. de. *Flora Brasiliensis*. V. I, pars II, s. d. p. 422.

A inclusão de *Butia yatay* na monografia de Mattos sobre as palmeiras do Rio Grande do Sul,⁵ baseou-se em material coletado por Irgang & Valls (ICN nº 21.652) no interior de Giruá, no ano de 1973. A exsiccata reúne fragmento de folha e alguns frutos jovens, nitidamente ovóides e apiculados. Por sua forma, estes frutos assemelham-se aos da espécie citada, bem como aos de *Butia paraguayensis* (Barb. Rodr.) Bailey. As outras duas espécies sul-rio-grandenses do gênero separam-se facilmente por este caráter, pois tanto *Butia eriopatha* (Mart. ex Drude) Becc. como *Butia capitata* (Mart.) Becc. produzem frutos sub-globosos-deprimidos.

⁵ MATTOS, J. R. Palmeiras do Rio Grande do Sul. *Roessleria*, v. 1, n. 1, p. 5-94, 1977.

A atribuição do material a *Butia yatay* ou *Butia paraguayensis* é mais difícil de ser realizada, com base no material analisado (ICN nº 21.652). Cabe destacar que a indicação de uma altura máxima de 3 m para as palmeiras, anotada como observação complementar na exsiccata, sugere tratar-se de *Butia paraguayensis* em vez de *Butia yatay*. Dependendo das condições do solo, as referências da literatura indicam que a primeira destas espécies pode apresentar indivíduos acaules ou com estipe de até 1 – 1,5 m de altura, enquanto butiá-jataí, uma palmeira de porte muito maior, alcança pelo menos 6 m de altura. (Figuras 1 e 2 – A,B).

A presença natural do butiá-jataí no oeste do Estado é também indicada pelo *Projeto Madeira do Rio Grande do Sul*, que descreve a existência na região missioneira de “*densas aglomerados, as conhecidas butiatubas*”.⁶ Persiste contudo a dúvida sobre a identidade destes palmares, que são provavelmente os mesmos considerados por Mattos e que infeliz-

⁶ REITZ, Raulino; KLEIN, Roberto M.; REIS, Ademir. Projeto Madeira do Rio Grande do Sul. *Sellowia*, Itajaí, nºs 34/35, p. 74, 1983.

mente foram dizimados em meados dos anos 70, para a implantação de lavouras de soja.

Para a região de Ituzaingó e Empedrado, na vizinha província argentina de Misiones, Biloni refere a presença de “una palmera enana – de hasta 1,5 m de altura y con frecuencia acaule conocida vulgarmente como “yatay poñi”, considerada variedad del yatay común...”.⁷ Trata-se de *Butia paraguayensis* (Barb. Rodr.) Bailey, por vezes referida como uma variedade do butiá-jataí: *Butia yatay* (Mart.) Becc. var. *paraguayensis* (Barb. Rodr.) Becc. A distribuição geográfica desta espécie estende-se desde o Paraguai até o Departamento de Rivera (Uruguai), passando por Misiones e pelo Rio Grande do Sul. Neste estado brasileiro sua presença é

⁷ BILONI, J. S. *Arboles Autoc-tonos Argentinos*. Buenos Aires: Tipografía Editora Argentina, 1990. p. 132-133.

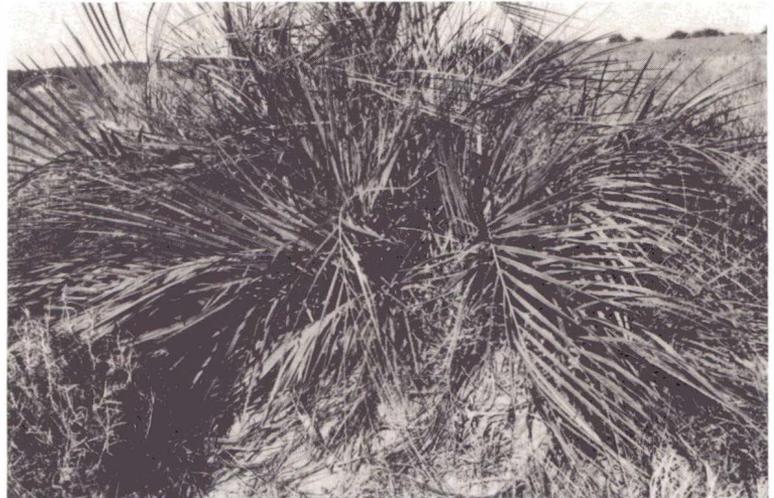


Figura 1. Espécies de butiás no sudoeste do Rio Grande do Sul. **A.** *Butia paraguayensis* (Barb. Rodr.) Bailey. **B.** *Butia yatay* (Mart.) Becc.

mais conspícua nos campos arenosos de Manoel Viana, São Francisco de Assis e Alegrete, tendo sido referido pela primeira vez por Avé-Lallemant, em sua passagem pela região de Itapevi, no ano de 1858.⁸ Em Rivera a espécie medra em sítios arenoso-pedregosos. A respeito desta ocorrência Chebataroff informa:

Sobre el Miriñaque, hemos contado unos setenta pies de palmeras, bastante achaparradas, elevándose sus hojas a 1 metro de altura (mas en las laderas del cerro, donde existe un ejemplar de casi 3 m de altura, pero acaulescente, igual que los ejemplares ubicados en la cima del cerro).⁹

⁸ AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. 417 p.

⁹ CHEBATAROFF, J. *Palmeras del Uruguay*. Montevideo: s. ed., 1974. 31p.

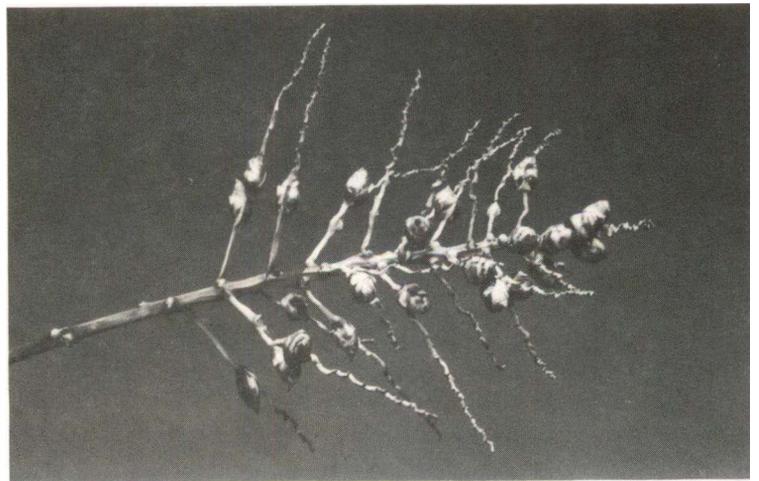


Figura 2. Panículas com frutos jovens dos butiás nativos no sudoeste do Rio Grande do Sul. **A.** *Butia yatay* (Mart.) Becc. **B.** *Butia paraguayensis* (Barb. Rodr.) Bailey.

O butiá-jataí parece ter uma distribuição geográfica distinta, sendo uma das espécies mais características da Mesopotâmia argentina, notadamente nas províncias de Entre Rios e Corrientes. Ocorre ainda em pequena área da província de Santa Fé, a oeste do rio Paraná, bem como a leste do rio Uruguai, principalmente nos Departamentos de Paysandu e Salto. Independente de sua presença na região missioneira do Rio Grande do Sul, com a descrição dos palmares de Coatepe fica confirmada a ocorrência natural da espécie no Estado e as antigas, mas imprecisas, referências da literatura a este respeito.

O palmar de Coatepe

O palmar de Coatepe localiza-se em Quaraí, a cerca de 25 km da sede municipal, em área da Coxilha do Pai Passo, que é o ramo sul da grande Coxilha de Santana. Como referência geográfica citam-se as coordenadas de 30°10' de latitude sul e 56°10' de longitude oeste.¹⁰ Trata-se de uma região de relevo acidentado, drenada pelos arroios Coatepe e Salsal, formadores do Areal. Os pontos culminantes da região ultrapassam em pouco os 230 m de altitude. O solo é arenoso-pedregoso (Unidade São Pedro) e a vegetação corresponde a uma savana-estépica, em que dominam gramíneas dos gêneros *Andropogon*, *Aristida*, *Briza*, *Eliomurus*, *Erianthus*, *Melica*, *Paspalum* e *Stipa*, entremeados com arbustos, dentre os quais, mirtáceas-anãs como *Psidium incanum*, *Psidium luridum* e *Hexachlamys humilis*. No fundo das ravinas e em outros locais supridos por um abastecimento mais regular de água encontra-se a vegetação ciliar característica da região. O butiá-jataí predomina no topo e encostas de coxilhas de acentuado declive, ganhando destaque na paisagem. (Figura 3).

O palmar é bastante extenso, embora pouco denso, provavelmente devido à morte paulatina dos indivíduos muito velhos e à ação do gado que se alimenta das plantas jovens, comprometendo o desenvolvimento da regeneração natural. Encontram-se apenas indivíduos de porte relativamente uniforme, com estipes de 6 a 8 m de altura e 20 a 30 cm de diâmetro. Trata-se, portanto, de uma formação muito frágil e suscetível à extinção, se mantidas as atuais condições de uso da área.

A parte superior do estipe é recoberta pelos restos peciolares e encimada por uma fronde de folhas pinadas, arqueadas e de cor verde-azulada, que medem cerca de 2 m, tendo folíolos com 50 cm de comprimento por 5-7 mm de largura. O pecíolo, robusto e dotado de espinhos, apresenta-

¹⁰ MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. DIRETORIA DE SERVIÇO GEOGRÁFICO. Folha Cerro das Cacimbas. Rio Grande do Sul (SH.21-Z-A-II-4), 1975. Escala 1:50.000.

se plano na face superior e convexo na face inferior. A bráctea peduncular (espata, segundo a maioria dos autores) é lenhosa, ensiforme, glabra e menor do que a panícula, medindo cerca de 1 m, enquanto a panícula (espádice, segundo antigos autores), de cor amarela, atinge cerca de 1,5 m de comprimento. As flores masculinas apresentam 3 sépalas, 3 pétalas de cor castanha e 6 estames com anteras dorsifixas. As femininas, escassas nos ramos florais, apresentam sépalas imbricadas e pétalas sub-orbiculares ligeiramente apiculadas. O pistilo, ovado-cônico (cerca de 15 mm) e glabro, contém 3 carpelos soldados, uni-ovulados e estigma trifido. O fruto, ovado-apiculado, carnoso e de cor amarelo-alaranjada, é revestido pelo perianto em até 1/3 de seu comprimento. Mede de 2 a 3 cm de comprimento e apresenta endocarpo oblongo, apiculado. (Figura 4 – A, B, C, D, Figura 5).

Os frutos são muito apreciados *in natura* e no preparo de licores. As folhas, segundo depoimento de antigos moradores, foram bastante utilizadas no passado para a obtenção de crina vegetal.

Considerações fitogeográficas

Os palmares de butiá-jataí constituem uma das vegetações mais características da Mesopotâmia argentina, em especial nas províncias de Corrientes e Entre Rios. Crovetto & Piccinini destacam como principais áreas de ocorrência nesta última província, o “Palmar Grande”, hoje transformado em Parque Nacional, localizado entre as cidades de Berduc e Ubajay, os palmares de Concordia e o situado entre Federal e Feliciano (Figura 6).¹¹

Na província de Corrientes, os palmares formam duas faixas longas e relativamente estreitas, com desenvolvimento sudoeste-nordeste. A primeira começa ao sul de Mburucuyá, estendendo-se até as proximidades de General Paz. A faixa mais extensa desenvolve-se a leste, desde a latitude de 29° 40', ao sul de Goya, até a altura de Loreto (latitude de 27° 48'). A forma estreita e alongada destes palmares, bem como a ausência dos mesmos a leste desta região, podem ser explicadas pela barreira fitogeográfica exercida por extensas áreas pantanosas, na metade oriental de Corrientes.

Muito importante sob o ponto de vista fitogeográfico é a ocorrência da espécie nos arredores de Loreto, na província de Misiones (Argentina). Em savanas de *Aristida pallens* e sobre solos vermelhos, embora arenosos, Crovetto & Piccinini relatam a observação de exemplares isolados de jataí, remanescentes de “*un palmar que parece haber sido diezmado por los incendios*”.¹²

¹¹ CROVETTO, R.M., PICCINI-NI, B.G. La vegetación de la Republica Argentina. 1. Los palmares de *Butia Yatay*. *Revista de Invest. Agric.*, v. 4, n. 2, p. 153-242, 1951.

¹² CROVETTO, R. M.; PICCINI-NI, B. G. Op. cit.



Figura 3. Três aspectos do palmar de Coatepe.

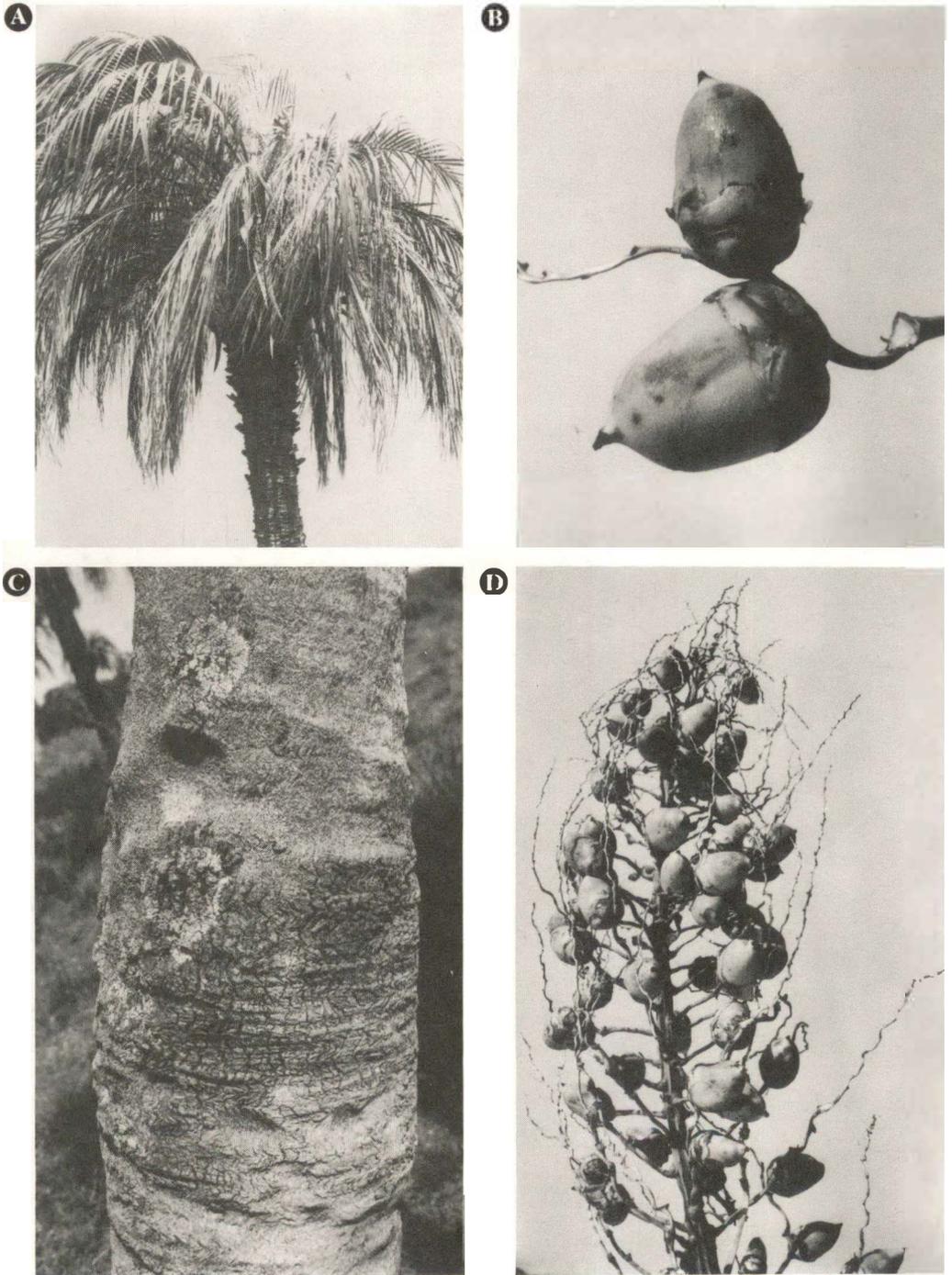


Figura 4. Aspectos morfológicos de *Butia yatay*. **A.** Parte superior do estipe e folhas pinadas. **B.** Detalhe dos frutos. **C.** Estipe. **D.** Panícula com frutos jovens.

Por sua proximidade com o Rio Grande do Sul, destaca-se ainda o palmar que acompanha o rio Uruguai, desde Monte Caseros até Paso de Los Libres. A ausência da espécie no município de Uruguaiana pode ser explicada pelas condições geológicas distintas da margem brasileira do rio, que segue na região o limite ocidental da Formação Serra Geral. Os solos rasos, gerados pela rocha matriz basáltica, determinam condições edáficas inadequadas para o butiá-jataí e outras numerosas espécies, ao contrário dos solos arenosos e permeáveis do território argentino adjacente.

A presença de *Butia yatay* na região de Coatepe, constitui importante novidade fitogeográfica. Sua ocorrência natural pode ser explicada pelas condições edáficas favoráveis da região, semelhantes às da Mesopotâmia argentina.

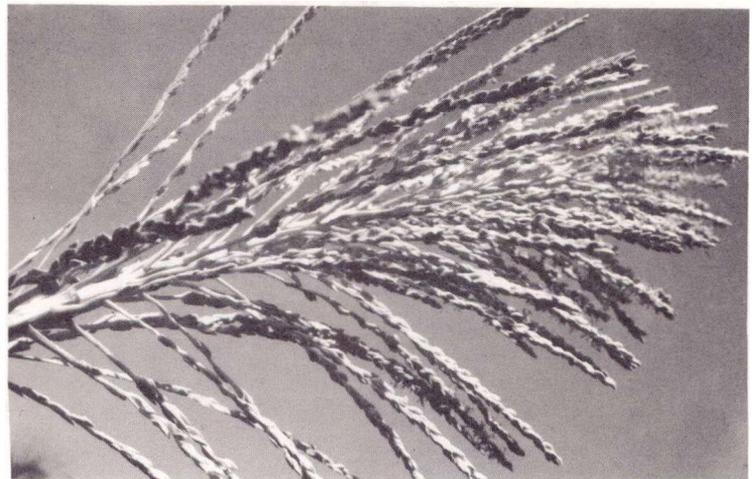


Figura 5. Bráctea peduncular e panículas de *Butia yatay*.

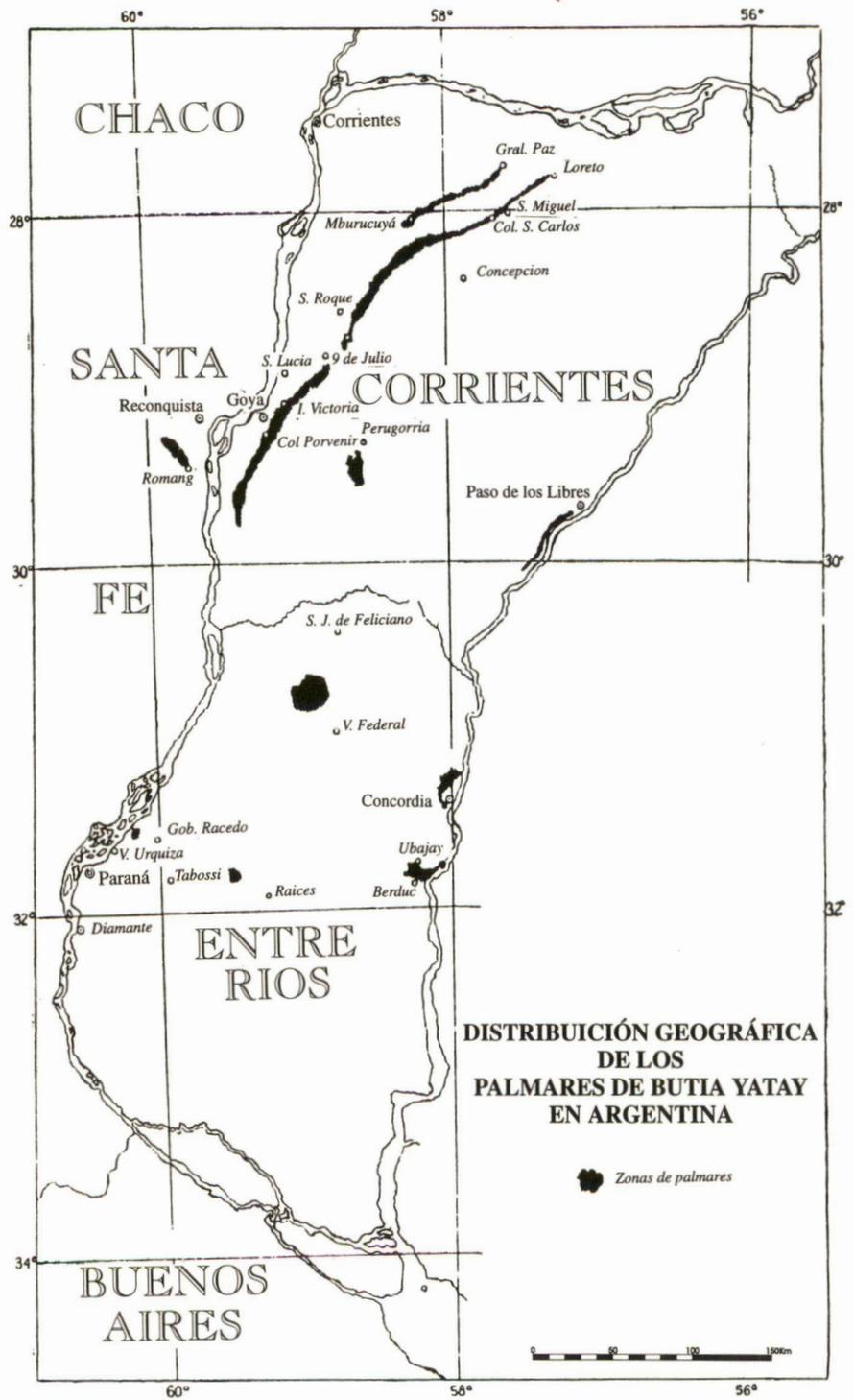


Figura 6. Distribuição geográfica dos palmares de *Butia yatay* na Argentina. (Fonte: CROVETTO & PICCININI, 1951).

- José Newton Cardoso Marchiori e Luiz Ernesto Grillo Elesbão são professores do Departamento de Ciências Florestais do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria. Adelinio Alvarez Filho é professor aposentado do Departamento de Biologia do Centro de Ciências Naturais e Exatas da mesma Universidade.

O palmar de Coatepe apresenta uma população bastante homogênea quanto ao porte dos indivíduos, diferenciando-se por este aspecto da outra espécie nativa no sudoeste do Rio Grande do Sul. A altura de 6 a 8 m dos butiás de Coatepe permite distingui-los facilmente dos butiás-anãos (*Butia paraguayensis*) encontrados nos areais de São Francisco de Assis, Manoel Viana, Alegrete e Rivera. Trata-se, contudo, de espécies afins, o que recomenda a realização de estudos genéticos, com vistas ao estudo de dinâmica de populações e à elucidação de aspectos taxonômicos ainda não definitivamente esclarecidos.